

Quinta dos senhores de Bellas — Desenho de Barbosa Lima — Gravura de Coelho

I

Não ha nos arredores de Lisboa quinta mais popular que a dos srs. condes de Pombeiro na villa de Bellas. Poucas haverá em todo o reino tão historicas como esta. E a respeito de vantagens da situação para quinta de regalo, tambem não se hão de encontrar muitas com tão variada e apropriada disposição de terrenos, e com tantas condições favoraveis ao desenvolvimento da vegetação.

Acrescentando que taes vantagens foram aproveitadas e auxiliadas com bastante arte no seculo passado, segundo o gosto da epocha, e que ao artista que delineou os aformoseamentos se deu carta branca para riscar e dispender, equivale a dizer que esta quinta é grandiosa e magnifica, apesar da decadencia em que se acha.

Pertencia esta propriedade no anno de 1318 a Gonçalo Annes Corrêa, que por sua morte a deixou ás commendadeiras de Santos. Correndo o anno de 1334, trocaram-n'a as commendadeiras com outra quinta que possuia Lopo Fernandes Pacheco, meirinho-mór delrei D. Affonso IV, e seu valido. Pela sua morte, em 1348, entrou seu filho Diogo Lopes Pacheco na posse da quinta de Belas.

Mais tarde aconteceu a lamentavel tragedia de D. Ignez de Castro, e Diogo Lopes Pacheco foi um dos tres conselheiros que armaram de ira e de vingança o braço de Affonso IV contra a desditosa Ignez.

Fallecido o rei Affonso, e exaltado ao throno seu filho, Pacheco teve a fortuna de escapar ao terrivel supplicio de seus companheiros, fugindo para Castella. Porém todos os seus bens foram confiscados para a coroa, e a quinta de Bellas, por conseguinte, ficou propriedade real.

Agradou-se tanto do sitio el-rei D. Pedro I, que mandou reconstruir a pequena casa da quinta, ou antes levantar no logar d'ella um palacio sumptuoso, para aquelles tempos de costumes singelos e de vida frugal. E depois de concluida a obra, por vezes alli foi espairecer suas saudades debaixo da copa sombria dos arvoredos, e repoisar-se dos cuidados do governo entre as frescuras d'aquelles amenos vergeis.

Não envelheceu D. Pedro no throno em que se via só e triste. Cedo foi juntar-se com a sua querida Ignez. Seu filho, el-rei D. Fernando, logo que empunhou o sceptro, ou convencido da innocencia de Diogo Lopes Pacheco, ou por querer, a seu turno, vingar as cinzas de sua mãe, a infanta D. Constança, que, no dizer de alguns, se finára de ciumes de D. Ignez de Castro,

chamou Pacheco para o reino, e restituindo-lhe todas as honras e bens de que fôra desapossado, entregou-lhe tambem a quinta de Bellas, não obstante os augmentos feitos por el-rei seu pae.

El-rei D. Fernando tambem não se logrou do throno por muitos annos. Descendo ainda moço ao tumulo, e nomeando para lhe succeder na coroa sua filha unica D. Beatriz, que se achava casada com D. João I, rei de Castella, legou ao paiz as discordias intestinas e uma guerra estrangeira.

O povo portuguez, que sempre teve escripto no coração com caracteres indeleveis a sagrada inscripção, independencia da patria, acclamou por seu defensor, e depois por seu rei o mestre de Aviz, o filho bastardo de D. Pedro I. Os fidalgos dividiram-se em parcialidades. A maior parte, honra lhes seja, vestiu as armas, e hasteou a bandeira de Portugal ao lado do povo. Porém muitos levantaram a voz pelos filhos de D. Ignez de Castro, então presos em Castella, e portanto impossibilitados de acudirem ao reino. Outros por desamor ao seu paiz, ou por gratidão á memoria do fallecido rei, de quem haviam recebido mercês, bandearam-se com os castelhanos.

Diogo Lopes Pacheco foi d'estes ultimos, e por isso, vencida a ambição de Castella nas veigas e plainos de Aljubarrota, foi novamente banido do reino, e toda a sua fazenda confiscada.

Passado pouco tempo, querendo el-rei D. João I de Portugal recompensar os serviços de Gonçalo Peres, do seu conselho, e governador da casa do civel, fez-lhe doação da quinta e do senhorio da villa de Bellas.

Arrependeu-se certamente D. João I de ter alienado da coroa esta propriedade nobilitada com um paço real, e tão cheia de recordações del-rei D. Pedro, seu pae. Auctorisa-nos esta supposição a compra que o mesmo soberano fez da referida quinta logo que morreu Gonçalo Pires, para a dar a seu filho, o infante D. João.

Apreciava muito este principe a sua quinta de Bellas, onde residiu algum tempo com sua mulher e filhos, fazendo-lhe ás vezes companhia um ou outro de seus irmãos. Assim que falleceu el-rei D. João I, seu pae, nos paços da Alcaçova em Lisboa, foi seu irmão D. Duarte, já rei, passar os primeiros dias do nojo ao paço de Bellas.

Por morte do infante D. João, em 1442, herdou aquella propriedade e senhorio sua filha, D. Beatriz, que cinco annos depois casou com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Viseu, filho del-rei D. Duarte.

Teve egualmente a infanta D. Beatriz grande predilecção por esta quinta, a qual desfructou por largos annos, sendo casada, e depois de viuva. N'este ultimo estado, em que viveu trinta e seis annos, passou longas temporadas em Bellas. Aformoseou a quinta, e reedificou e melhorou o palacio, hospedando n'elle em varias occasiões seus filhos, el-rei D. Manuel, a rainha D. Leonor, mulher e depois viuva del-rei D. João II, e a duqueza de Bragança D. Isabel, que foi casada com o duque D. Fernando II.

Morreu a infanta D. Beatriz em 1506, tendo feito doação da quinta e senhorio de Bellas, em recompensa de serviços, a Rodrigo Affonso de Atouguia, fidalgo da casa de seu marido, o infante D. Fernando.

Pelo casamento de D. Maria da Silva, bisneta de Rodrigo Affonso de Atouguia, com D. Antonio de Castello Branco 12.º senhor de Pombeiro, e pae do primeiro conde d'este titulo, veiu este fidalgo a succeder no senhorio e quinta de Bellas.

Tem-se conservado desde então esta propriedade na casa dos condes de Pombeiro, que mais tarde foram elevados a marquezes de Bellas. É seu actual proprietario o sr. D. José de Castello Branco Corrêa e Cunha Vasconcellos e Souza, 8.º conde de Pombeiro, 14.º senhor de Bellas, e filho do ultimo marquez do dito titulo.

II

A villa de Bellas, antiquissima povoação, outr'ora cercada de muralhas torreadas, está sentada em um fresco e delicioso valle cortado de ribeiros, que por entre arvoredos silvestres vão dividindo e regando os jardins, hortas e pomares de que está plantado todo ou quasi todo o valle.

Este lindo sitio dos arrabaldes de Lisboa, antigamente tão procurado e festejado dos moradores da cidade pela salubridade dos ares, bondade das aguas, e belleza das quintas, e agora, ha trinta annos para cá, tão esquecido e desprezado pelos caprichos da moda, fica a uns doze kilometros da capital, sobre a estrada que conduz para Mafra.

No rocio, pois, da villa de Bellas, largo bastante espaçoso, está situado o palacio dos srs. condes de Pombeiro, ao qual se segue a sua formosa quinta.

Dos paços del-rei D. Pedro I apenas se conserva, segundo cremos, a fórma geral do edificio. Quem observar com attenção o palacio, facilmente reconhecerá que a sua estructura é antiquissima, e mui differente da que vemos em edificios identicos, não só modernos, porém mesmo antigos. Mas as feições primitivas, caracteristicas da architectura da epocha da fundação do monumento, perdeu-as quasi inteiramente nas reconstrucções e modificações por que tem passado.

Todavia, em um dos columnelos que estão junto do portal que dá entrada para o pateo, vêem-se vestigios da antiga corrente de ferro, distinctivo do paço senhorial.

A quinta foi muito melhorada e adornada no seculo passado e no começo do actual, tanto com plantações de arvoredo, como com obras de arte.

É a quinta em parte perfeitamente plana, e em parte montuosa. Estende-se a plana ao longo do valle, entre a estrada real acima referida, e uma cordilheira de pouco elevados montes, alinhados como por arte, e que constituem a parte montuosa da quinta.

Na planicie estão os jardins do palacio, e os pomares e hortas cortados por uma ribeira, e por largas e compridas ruas, que frondoso arvoredo guarnece e tolda em toda a sua extensão. D'estas ruas a principal em grandeza e adornos é a que se vê representada na gravura. Corre do sul para o norte a par das faldas dos montes. Não sabemos as medidas do seu comprimento e largura, mas em ambas excede as da rua principal do passeio publico de Lisboa. Apesar d'isso, as arvores que a orlam são tão gigantescas e copadas, que lhe fazem toldo com sua viçosa folhagem. Tem a rua, junto das arvores, cercadura de roseiras e outras flores; e no centro um grande obelisco de marmore, levantado sobre degraus, e ornado a meia altura, em uma das quatro faces, com a figura da fama, e os bustos do principe regente D. João, depois rei, e de sua esposa D. Carlota Joaquina de Bourbon. Esta esculptura, obra do nosso distincto artista Joaquim José de Barros, guarnece a face do obelisco que olha para o sul, e por tanto opposta á que se vê na estampa.

N'esse mesmo lado do sul termina esta magestosa rua em uns portões de ferro, que se abrem sobre a estrada de Lisboa, formando a entrada nobre da quinta. Avultam mais duas obras de arte n'esta parte plana da quinta, uma curiosa pela sua fórma singular, outra pelo nome illustre de seu auctor. A primeira é uma cascata, que ora vemos descuidada dos homens e maltratada do tempo, mas que ainda assim é original e grandiosa, deixando ajuizar da sua belleza de outr'ora. A segunda é uma estatua de Neptuno devida ao cinzel do celebre Bernini, que illustrou, como esculptor, architecto e pintor, a cidade de Napoles, onde nasceu no anno de 1598.

Os montes, que do lado do oeste debruam a planicie, estão vestidos de florestas, entremeiando-se ahi com as arvores corpulentas variados arbustos de mimosas flores. Pelas encostas cruzam-se em differentes direcções muitas ruas, estreitas e sombrias, e sobem dois caminhos com suas escadas, grutas, e assentos de espaço a espaço, até se encontrarem na coroa do monte mais elevado, onde se ergue uma ermida dedicada ao *Senhor Jesus da Serra*. Do adro do templo, que é como o ultimo degrau de um throno todo verdura e flores, goza-se um panorama não de extensas dimensões, porém summamente aprazivel e pittoresco, sobre tudo quando a festividade do Senhor Jesus da Serra transforma aquelles logares n'uma povoação numerosissima, que gira, volteia, e doudeja por toda a quinta com alegre arruido de vozes ao som de festivas musicas.

Celebra-se esta funcção no ultimo domingo d'agosto, acompanhada de feira e festa de arrayal, que se faz na rua principal da mesma quinta.

É uma das festividades dos arrabaldes de Lisboa, que maior concurso attrahem da capital e suas visinhanças. Aquella comprida e amplissima rua torna-se então acanhada para conter a gente que ahi se apinhoa. Foi esta occasião, que o habil e intelligente desenhador do *Archivo*, o sr. Barbosa Lima, escolheu para tirar a vista que dâmos em gravura.

Na parte alta da quinta vêem-se uns grandes rochedos da feição de lageas, collocados de modo, que parecem realmente dispostos por industria humana. Se se der credito á tradição, vulgar entre os povos da villa e dos arredores, foi obra dos moiros, e lhes servia de atalayas. Ao parecer de outras pessoas aquellas pedras não são mais que uma curiosidade natural.

Ha bastantes annos achou-se casualmente n'esta quinta, fazendo-se escavações, uma curiosa antigualha de que trataremos n'outra occasião, e que n'esta apenas mencionaremos. Era a sepultura de Viriato, capitão da Lusitania, segundo a inscripção gravada em uma urna, que ahi se encontrou.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O SINEIRO DA FREGUEZIA

(Conclusão. Vid. pag. 282)

III

Quem tiver algumas reminiscencias do anno de 1833, em que tiveram logar os ultimos acontecimentos d'esta historia, lembrado estará de que foi o reino invadido então pela cholera-morbus. O terror que o medonho flagello incutia apoderava-se de todos os espiritos, e fallava-se muito, e em toda a parte, nos progressos que o mal fazia. As boas almas temiam pela humanidade, cada um temia por si, e todos receiavam a morte e a outra vida. A lucta que dividia a familia portugueza, e que já por si era grande calamidade, porque trazia os espiritos em fluctuantes e continuas inquietações, em paixões violentas e excessivas, aggravava a luctuosa impressão que produzia a colera. Os espiritos fortes calculavam alli um desfecho para os negocios da politica. Os animos verdadeiramente liberaes receiavam que a epidemia entrasse no Porto, e dizimasse de tal modo as fileiras do imperador, que adiasse para mais tarde a aurora da liberdade, cujos arreboes se annunciavam. Os partidarios da antiga monarchia prégavam publicamente que era a justiça de Deus; e os frades, que de tudo tiravam partido, ralhavam da cholera e dos pedreiros livres, envolvendo tudo no mesmo anathema. Mais de um proximo parente de qualquer ricaço calculava que nem todos haviam de morrer; e as mulheres, a parte sensivel da comedia humana, atterradas com a imminencia do perigo, faziam terços e promessas, e recorriam aos santos pedindo milagres; atulhavam-se as egrejas de penitentes, e os confissionarios não chegavam para a affluencia. Ao dobre de qualquer sino formavam-se grupos, perguntava-se a meia voz quem era o defuncto e de que morrêra; e logo se dissolviam, para não communicar com algum empestado. Se o Viatico passava todos o acompanhavam, mas não transpunham a porta do enfermo. O susto produzia a todos os instantes uma tal ou qual impressão no organismo dos sãos; e n'essa impressão todos receiavam o primeiro symptoma do mal. Ainda a colera não tinha saído das terras do litoral, e já o medo dava ás feições uma côr de pergaminho antigo. Violentos cuidados da expectação, dias de anciedade, noites de agonia, de esperanças e receios, eis a historia dos primeiros tempos em que principiou a grassar a cholera. Succedia o mesmo que n'um exercito antes de ferir uma batalha. Atterra mais a expectativa de um mal remoto, do que a sua presença.

Era de noite: o ceo estava tão negro que parecia uma incommensuravel abobada de fuligem. As ruas estavam desertas, e o silencio era apenas interrompido pelo surdo rumorejar das grossas aguas do Ferrença, que ia então de mar em monte. Angelica, sentada em uma esteira, e com o rosto escondido entre as mãos, esperava sósinha e desperta que seu filho recolhesse. A pobresinha fôra victima da crassa ignorancia, vicios e excessos de Fernando. Dois annos de jogo, vinho e devassidão dissiparam o cabedal economisado em muitos de trabalho; e aquelle que a esperançada mãe sonhára um dia sacerdote, não passára de sineiro da freguezia do castello. Aquelles que tinham conhecido o passado tranquillo e promettedoras esperanças de Angelica, faziam sérias considerações sobre a educação de Fernando, e todas ellas terminavam pelo pensamento que assaltou o espirito da mãe ao ver o filho perdido.

— Para que o tirou da sua companhia? Confiar a estranhos a educação da familia — disse um barbeiro que, por caridade, recolheu uma vez Fernando, que de embriagado tinha caído na rua — é o mesmo que dar a barba a fazer: pelo gosto de levar a cara bem escanhoada arrisca-se a garganta a um bom golpe.

Angelica fez tudo por chamar seu filho de tal desregramento; supplicou, ameaçou, chorou, consumiu-se, e não pôde fugir á tremenda voragem da miseria. Francisco de Sá revia-se com infernal regozijo na sua obra, e Fernando, que das mãos da natureza tinha saído com um bom coração, que a má educação pervertêra, queria tanto a sua mãe, que por ella tudo sacrificaria, até os seus vicios, se estes não fossem omnipotentes sobre elle.

Angelica sentia-se n'aquella noite devorada pela impaciencia; os instantes passados na solidão arrastavam-se com a lentidão de seculos; faltava-lhe o ar, tudo a opprimia, e em vão buscava um instante de descanço. Na mente succediam-se-lhe os pensamentos como os cachões de agua que se precipitam uns sobre outros, se desfazem, reapparecem e se ennovellam na quêda de um açude; sentia umas contracções no coração como se mão de ferro lh'o comprimisse; sua dor não tinha lagrimas nem suspiros; a infeliz tinha necessidade de soluçar, de arrancar o cabello, de correr ao ar livre sem direcção nem fito; queria, a preço da existencia que fosse, comprar um instante de socego; mas conservava uma inalteravel immobilidade, e a sua alma era como a victima encerrada nas abrazadas entranhas de Baal, onde se estorcia sem refrigerio.

O terrivel pesadelo diminuiu um pouco, e Angelica pôde levantar-se. Desviou da fronte o cabello desgre-

nhado, e como que lhe luzisse vivido raio de esperança em meio de seu desalento, correu toda a casa em volta, e parou diante da imagem da Senhora das Dores, junto da qual ardia, como sempre, a mesma lampada. Contra o seu costume, não ajoelhou, e estendendo os braços e agitando a cabeça, conseguiu soltar um som, que depois se converteu em voz.

— É assim que me attendeis, ó santa Virgem? São estas as vossas graças? Não tendes piedade d'esta pobresinha, porque já estaes no ceo, e deslembrada das afflicções de quem é mãe?! Pedi-vos pelas sete espadas que vos traspassaram o coração, pedi-vos pela paixão de vosso Filho que me restituisseis o meu, ou que me fizesseis morrer, e não fui ouvida! E por que? Neguei alguma vez a esmola para o vosso culto? Deixei de rezar a vossa coroa? Passei na vossa presença sem ajoelhar? Que vos fiz? Que vos fiz para merecer tanto desprezo?!! Attendei-me agora, Senhora, attendei-me se tendes coração! Ainda ha pouco esta lampada não tinha azeite porque eu não tinha pão; e agora já está accesa, e eu ainda em jejum!... Agora... não hei de rezar mais; não confio já em vós... perca-me muito embora, que importa? quero perder-me... não hei de rezar mais... quero perder-me!

A boca prescíta soprou a lampada e a luz extinguiu-se; o murrão sustentou alguns segundos um brilho avermelhado e mortiço, fez um esforço em que reverberou um raio mais vivo, e depois caiu tudo em um escuro impenetravel. No mesmo instante uma golfada de sangue pela boca suffocava Angelica; começou a casa a girar-lhe em roda, o chão a faltar-lhe e os musculos a inteiriçarem-se-lhe; cambaleou, encostando-se ás paredes; tornaram-se-lhe hirtos os dedos, os labios contrahiram-se-lhe, torceram-se-lhe os olhos, e foi caír á entrada da porta.

Em meio de tudo isto ficou-lhe tão claro o juizo, que pensou logo em seu filho, e ouvindo confusamente, por entre as convulsões do corpo, as graves badaladas de um sino que dava a meia noite, desejou que fosse aquella a hora do perdão e da partida. Quando as ultimas vibrações de todo se perderam, lembrou-se de que estaria Fernando proximo a vir encontral-a n'aquelle estado, e fez um esforço para concentrar toda a vida no ouvido para não perder o som dos primeiros passos.

O silencio, triste companheiro da escuridão, era apenas interrompido pelo rumorejar das aguas do Fervença, o que lhe dava um tom mais lugubre; no entanto o ouvido attento percebia de quando em quando algum som estranho e mal distincto, que tinha um tanto de gemido ou de soluço.

Os ruidos que ordinariamente se ouvem de noite são muitas vezes o arfar do proprio coração, o bater das azas de um gallo antes de cantar, o roer de um rato, o resonar de um animal domestico; mas a imaginação tomada de susto multiplica-os, e recebe-os como vozes sinistras, revelações mysteriosas e advertencias de Deus. Então lembram peccados e castigos, ambiciona-se a luz e o confessor, e jura-se a mudança de vida com a mesma facilidade com que no dia seguinte se escarnece á luz do sol dos passados terrores.

Angelica estava debaixo de uma pressão terrivel: agora é que a noite lhe parecia eterna, medida pela solidão e anciedade. Passados instantes, que lhe pareceram seculos, cuidou ouvir passos; concentrou-se mais, e com effeito ouviu que alguem se aproximava. O som foi crescendo, tornou-se distincto, aproximou-se, fez como de proposito uma pausa á porta de casa, e depois continuou afastando-se, passou a ponte, e perdeu-se no rumorejar do rio. Já succedeu a algum dos leitores viajar em noite de trovoada e tão escura que se não enxergue palmo de terra? Um relampago é uma esperança: as nuvens fuzilam, e ficâmos mais perdidos e mais ás escuras. Tal succedeu a Angelica; recrudesceu-lhe a agonia, e disse comsigo:

— Meu Deus! Não me deixeis morrer abandonada! Tende piedade de mim! quero a confissão, meu Deus! Quero morrer penitente!

Passado tempo ouvem-se outros passos mais pesados, vagarosos e irregulares, que se avisinhavam; um raio de alegria penetrou na alma de Angelica; sobre aquelles não podia haver engano. Depois de alguma demora, que tiveram em se aproximar, pararam bruscamente á porta, que gemeu com o baque de todo o peso de um corpo que se deixou cair sobre ella, e uma voz avinhada e rouquenha, saída d'aquelle corpo, interrompeu uma das canções politicas, então mais á moda, para dizer:

— Sim, é esta... esta é a minha porta.

A porta, velha e mal segura, abriu passagem franca, e Fernando, faltando-lhe o apoio, e embrulhando-se-lhe os pés n'um vulto em que tropeçou, foi cair no meio da casa, gritando:

— Passa, cão!

— Meu filho! Meu Fernando! — exclamou Angelica pondo n'isto as forças todas, vendo que fôra causa da quéda do filho, que elle attribuia a um cão.

— O mãe! Que é lá isso? mudou esta noite de cama?

— Fernando, se tens caridade, vae-me chamar depressa um padre!

— Temos casamento?!

— Volta por um instante, ao menos, a teu juizo; olha que morro, filho, e morro em peccado mortal.

— Tambem eu morro abafado: dê-me d'ahi uma pinga para molhar a palavra.

— Fernando, vae buscar-me um confessor, e se não o achares, vae tocar de prompto o sino á torre, para que as boas almas rezem por mim na hora da agonia.

Fernando, como se a voz de sua mãe fosse mais poderosa do que os fumos alcoolicos que lhe toldavam a cabeça, percebeu que alli havia alguma coisa extraordinaria, e que era preciso obedecer: saiu para fóra de casa com precipitação, enfiou pela primeira rua que viu diante, e foi instinctivamente bater a uma porta com tal violencia como se quizesse metel-a dentro.

— Quem é?

— Sou eu.

— Que quer você, sô bebedo?

— Abra ou arrombo.

Para que se não realisasse a ameaça, a porta abriu-se, e appareceu um taberneiro esfregando os olhos.

— Verde ou maduro?

— Nem maduro, nem verde! Quero um padre.

— E vens buscal-o á sacristia da taberna?! — Com mil raios! um padre!... — Vae-te, beberrão, que tens mais vinho n'esse odre, do que eu n'estas pipas.

— Ah! sim! não ha um padre? pois escavaco-te a botica.

— E eu escavaco-te os ossos, replicou o taberneiro, gasta já a paciencia, e juntando á palavra o complemento da ameaça.

Fernando, conhecendo a gravidade do negocio, fugiu gritando, até que parou diante de uma casa que lhe pareceu reconhecer. Bateu com a mão, em seguida com uma pedra, e por fim occorreu-lhe uma idéa luminosa: deixou de bater, e arremeçou o improvisado martello contra a vidraça da janella: o estampido da pedrada e o chuveiro de vidros que se lhe seguiu, causou em toda a visinhança grande alarma: abriram-se algumas janellas, e Fernando aproveitou o auditorio para bradar como um possesso, pedindo um padre, um confessor.

O dono da casa aggredida, que foi o ultimo que se desintimidou, abriu a janella para fazer grande ala-

rido, chamar aqui del-rei, e tal motim causou tudo isto, que acudiu a ronda e apanhou o bebedo que insistia no pedido.

— Para que faz você toda essa gritaria?

— Quero um padre... Vão-me buscar um confessor que vá assistir a minha mãe.

— Cala-te, bebedo, ou te arrolho a boca com uma bucha de onça!

— Pelo amor de Deus, senhores, um confessor para minha mãe! Esta idéa fixa de Fernando chamou a attenção do cabo da ronda, que lhe perguntou:

— Onde está tua mãe? que tem ella?

— Fui encontral-a em casa a estrebuxar no chão e pedindo misericordia.

— A estrebuxar no chão?! será cholera?

— Senhores, muito boas noites, então vou eu buscar o confessor.

— Rapazes, animo! cerquem-no, apontem-lhe as bayonetas, mas não lhe toquem: marcha!...

Fernando sempre a pedir que o deixassem, sempre a supplicar um confessor para sua mãe, foi escoltado preso até á casa da guarda, e d'alli para a cadeia, onde ficou separado dos outros presos.

No dia seguinte corria pela cidade a terrivel noticia de que já estava a cholera em Bragança. Eram altas horas do dia, e ainda ninguem tinha pensado em Fernando. Quando abriram a porta da casa da reclusão em que passou o resto da noite e a manhã, acharam-no abatido pelo cançaço da embriaguez, e muito mais pela idêa de que sua mãe teria morrido ao desamparo: posto em liberdade, correu a casa, mas foi-lhe prohibida a entrada por um cordão de gente armada, que a cercava a distancia, para não deixar communicar ninguem com a peste que havia lá dentro. Fernando, tão extremoso como afflicto, não entendeu as razões da guarda, e quiz forçal-a a abrir-lhe passagem. Lá dentro estava sua mãe morta ou moribunda, que lhe importava de quê?, o facto era que estava carecendo da assistencia de alguem, e um filho não deve abandonar sua mãe n'esses tremendos instantes, e por isso queria entrar: mas um guarda brutal, e com zelosa obediencia, talvez para merecer alguma das medalhinhas de que então havia prodigalidade, tal coronhada lhe deu no peito que o fez retroceder, cambaleando até á entrada da ponte, a cujas guardas se apoiou, para não ir de todo ao chão. A attenção distrahida para outra parte não deixou ver este incidente, que fez mais uma victima. Fernando atordoado pela violencia da pancada, perdeu o lume dos olhos, sentiu uma suffocação, e perdendo o apoio das guardas da ponte, rolou até ao chão, lançando sangue.



Santa casa da Misericordia de Lisboa

Alguem o viu n'aquelle estado, e ainda o consolou com estas animadoras palavras:

— Olhem o bebedo! tem a mãe assim, e está aqui n'um lodaçal de vinho!

Depois de algum tempo conseguiu sentar-se. O seu aspecto era terrivel, medonho; tinha uma expressão estupida, os olhos esgazeados, os labios humidos de sangue, e a immobilidade de todos os musculos era completa: mas tão apparente calma escondia um temporal. No coração tinha Fernando a morte e o inferno: se os pensamentos que lhe iam na mente podessem achar saída em suas palavras, o pobre filho diria o que pensava: — Minha mãe! minha santa mãe, que vaes morrer, abandonada por mim nos paroxis-

mos da morte, e por mim entregue á impiedade d'estes barbaros, e talvez á condemnação eterna: poderás perdoar-me? Não, não me perdões, amaldiçoa-me antes, que bem o mereço. Lembra-te, que destruí as bellas esperanças do teu futuro, que te reduzi a uma fatia de miseravel pão, que levantei sobre ti minhas mãos infames. Ainda hontem ao entrar em casa te calquei aos pés, e tu chamaste-me teu filho! Porque me não consumiria o vinho a memoria?! Chamaste-me teu filho, e mandaste-me procurar um padre ou que fosse tocar o sino para que rezassem por ti na hora da agonia; e o que fiz, foi denunciar-te! Amaldiçoa-me, porque te dei peiores tratos que a uma escrava, manchei-te com os mais torpes nomes! Amaldiçoa-me outra vez; mas deixa-me aqui na terra uma pégada tua para que possa adoral-a por toda a vida, e por toda a eternidade do inferno que me espera. Oh! minha mãe, se te fiz desgraçada, não foi porque te não amasse muito, não foi porque não te acatasse no fundo do meu coração. Quem podéra reanimar-te agora com uma torrente do meu sangue; quem podéra dar a minha alma ao inferno, para obter em troca a tua vida no ceo! Não morras, minha mãe, não me abandones assim! não vês que chóro? Resta uma esperança ainda; vou pedir por ti á Mãe dos Anjos. *Salvè Rainha*... Nem posso recordar as orações, que menino me ensinaste! que annos ha que não rezo! Pede tu a Deus, minha mãe! já que não sei, nem posso, encommenda tu a tua alma...

A multidão do povo crescia em roda da casa de Angelica e ficava a distancia respeitosa, contida pelo cordão sanitario da policia. No fim de algumas diligencias, appareceu um medico que verificou o caso de cholera, e entregou a doente ao confessor, como quem diz que o mundo nada tinha já que fazer com ella. O sacerdote absolveu-a pelo pulso e ungiu-a. Depois dos ultimos officios da religião, padre e medico abandonaram a moribunda, e a caridade popular, tão caracteristica da indole portugueza, galgou por cima do medo. A guarda cedeu. A casa de Angelica foi invadida, de prompto acudiram soccorros para a doente; mas era já tarde. Fernando foi um dos primeiros que entrou em casa, mas teve tempo sómente para receber o perdão de sua mãe, que outra coisa não podia significar um terno olhar que lhe volveu, embaciado por uma lagrima, e o inarticulado mover dos labios com que parecia querer deitar-lhe a benção.

Este ultimo golpe transtornou de todo a já muito debil razão de Fernando, que apenas viu morta sua mãe, desappareceu completamente louco, sem ninguem o conter, e foi, como ave nocturna, esconder-se n'um recanto do campanario. Guiava-o uma idéa. Quando no dia seguinte o enterro de Angelica chegava ao adro da egreja, cessaram por um pouco os dobres, e viu-se apparecer n'uma das ventanas uma cabeça de sinistro aspecto, illuminada por um medonho riso que lhe descerrava os labios. Fernando, mesmo a rir, estorcia-se nos paroxismos da desesperação.

No instante em que o enterro transpunha os umbraes da egreja, o sino, que até então dobrára a signaes, terminou a sua lugubre toada por um som ainda mais lugubre, melancolico e abafado, como se de repente se lhe acabasse o poder da vibração. Aquelle som era produzido por um martello de nova especie. Fernando, no frenezi da sua loucura, esperou a volta do sino que dobrava, e oppoz-lhe a resistencia da cabeça. O sino tomou o prumo, e Fernando foi caír na ventana opposta com o craneo esmigalhado. Só então é que lhe saíu da memoria o pedido de sua mãe: —Vae tocar de prompto o sino á torre para que as boas almas rezem por mim na hora da agonia.

Por todos os pedidos a que nunca attendeu, cumpriu o ultimo, e de um modo terrivel!

A. C. DA SILVA MATTOS.

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

ANTIGA CASA PROFESSA DOS JESUITAS EM S. ROQUE

O templo cujo desenho apresentâmos hoje, se não se recommenda por grandezas architectonicas, é um dos monumentos celebres da capital, porque n'elle prégou S. Francisco de Borja, o famoso padre Vieira e outros varões doutos; porque n'elle está a preciosissima capella mandada vir de Roma por el-rei D. João V; pela singularidade do tecto da egreja, e finalmente por se achar alli estabelecida, desde a extincção da companhia de Jesus, a santa casa da misericordia de Lisboa.

No principio do reinado de D. Manuel, ardendo esta cidade em peste, mandou este soberano pedir á senhoria de Veneza, onde está o corpo de S. Roque, alguma reliquia do celeste advogado contra tão horrivel mal. Deferiu aquelle senado a petição do rei de Portugal, e vieram as reliquias, que foram recebidas por elle, pela corte e pelo povo, com grande devoção e solemnidade.

Tratou-se logo (diz o chronista da Companhia [1]) de edificar uma ermida da mesma invocação do santo, para n'ella se collocar tão precioso thesouro, e para acudirem áquelle logar os devotos do santo, e se valerem da sua intercessão. O sitio que se escolheu foi um campo ou monte que estava fóra dos muros da cidade, e cae para a parte de oeste, segundo o rumo em que está lançada a cidade de Lisboa. Estava n'aquelle tempo o monte coroado á roda de copiosas e formosas oliveiras.

N'este grande campo havia um logar mais junto á porta da cidade (a que hoje chamâmos a porta de S. Roque [2]) no qual estava o adro e cemiterio em que se enterravam os que morriam da peste. N'este logar trataram de edificar a ermida ao novo padroeiro que tomavam para a peste, porque, assim como os capitães mais valorosos e de maior confiança se põem nas estancias mais perigosas e nos logares mais arriscados, assim se entregou a este esforçado capitão esta praça temerosa do campo dos mortos, para d'alli cobrarem saude os vivos.

De uma pedra que está sobre a porta da sacristia da irmandade de S. Roque consta haver-se começado esta ermida na era de 1506.

Corria o anno de 1553, e ainda os padres da companhia não tinham casa professa em Lisboa, tendo-a já em Coimbra e no Porto. Veiu para este fim á capital o padre commissario Jeronymo Natal pedil-a a el-rei D. João III, o qual, pondo este negocio em conselho, mandou que escolhessem o sitio para a edificar.

«O sitio que aos padres mais contentava (diz ingenuamente o citado chronista), e para onde parece que uma inclinação occulta e inspiração fatal os chamava, era o da ermida de S. Roque. Ajudava-os a este tacito impulso parecer-lhes que, como estava a ermida em um campo despovoado, seria mais facil a compra para o templo e para a casa. Além d'isto os convidava muito a boa sombra das oliveiras, o logar descoberto ao norte, os ares sadios, e o sitio todo accommodado para se fazer um grande edificio.»

Trataram os padres de comprar a ermida; mas taes resistencias acharam na confraria de S. Roque, que só com a intervenção del-rei conseguiram fazer um contrato com algumas clausulas pesadas, sendo uma d'ellas fazerem-lhe na egreja nova uma capella de S. Roque, administrada exclusivamente pela sua antiga irmandade.

[1] P. Balthasar Telles, t. II, pag. 92.
[2] Foi demolida pela camara municipal em 1835.

Tomaram os padres posse da ermida, que foram alargando a pouco e pouco, fazendo ao mesmo tempo em volta algumas casas para sua habitação.

Passados annos quiz el-rei D. João III fazer alli um grande templo para sua sepultura e da rainha D. Catharina sua mulher, dando-a aos padres da companhia, á similhança do que fizera el-rei D. Manuel aos frades Jeronymos com o mosteiro de Belem. Diz certo auctor, «que sabendo d'isto o padre provincial Diogo Mirão, fôra fallar a el-rei, agradecendo-lhe muito fabrica tão grandiosa, a qual não podia soffrer a humildade e pobreza d'aquelles para quem se havia de fazer, pois não dizia bem com os que, não só como religiosos, mas como professos da companhia, haviam pela profissão de viver puramente de esmolas, como verdadeiros pobres.»

O certo é que não foi ávante esse intento; mas o rei comprou alli alguns terrenos para cêrca, e fez aos padres avultados donativos, com que elles deram começo á obra da nova egreja, como relata o citado chronista, n'este termos:

Finalmente no anno de 1566 se tomou a ultima resolução de se haver de fazer uma egreja mais capaz para poder receber a gente que nos demandava: abriram-se os alicerces, ao principio com desenho de a fazer de tres naves, como antigamente de ordinario se usava, mas logo no anno seguinte de 1567 se tomou melhor conselho, assentando-se que fosse a egreja de uma só nave, por ficar d'esta maneira mais desabafada, com mais luz, e muito mais accommodada para de toda a parte os ouvintes se aproveitarem da palavra de Deus, não sómente ouvindo, mas tambem vendo o prégador. Conforme a esta resolução se ordenou logo em melhor fórma a chorographia e traça do edificio, compartindo e distribuindo o corpo da egreja, o cruzeiro e as capellas, tudo proporcionalmente; mostrando bem esta nova traça e debuxo das plantas, montéas, cisões e perfis interiores e exteriores, quanto maior era o animo de quem agora traçava e fundava.

Conforme a esta nova e bem lançada traça, se tornaram a desfazer os primeiros alicerces (que obras sumptuosas raramente se acertam da primeira vez), e d'esta maneira ficou totalmente desfeita a ermida antiga de S. Roque, que nos tinha servido de cruzeiro, e se recolheu o santo em uma formosa capella que está da parte do Oriente, a qual hoje é a terceira a quem entra pela egreja. Derrubou-se tambem o alpendre a que chamámos egreja velha, trabalhando-se na obra com tão grande calor, que quando veiu o anno de 1575 estavam já acabadas até á cornija as paredes da egreja nova que hoje temos, cujo vão ou montéa tem de comprimento 186 palmos, sem fallar na capella-mór, e de largura 82, não contando aqui a montéa das capellas que pelos dois lados a cercam.

Logo se tratou do tecto, havendo primeiro grandes consultas de insignes architectos sobre a traça que teria, e finalmente se resolveram a o fazer de madeira, por lhes parecer que o sitio era alto, algum tanto pendurado, e que não teriam as paredes bastantes hombros para sustentar o peso e o repuxo que tão grande abobada demandava. Resoluto este ponto, assentaram tambem que o lanço fosse de esteira, o que ainda que tinha grandes commodos, tinha tambem grandes difficuldades por davante, pela notavel largura que vae entre as paredes collateraes. Para se vencerem estas difficuldades, veiu um famoso architecto, mandado por el-rei catholico D. Filippe, o prudente, o qual traçou a obra com um novo invento, nunca visto em Portugal, dispondo o tecto com tal traça, que sem ter columnas pelo meio da egreja, que é tão larga, nas quaes se possa estribar, está segurissimo, e parece que se sustenta no ar.

Por ser a obra do madeiramento que vae para cima do forro mui notavel, e não se ver da egreja, me pareceu descrevel-a aqui, para que, quem tiver curiosidade de a ver, ao menos a possa aqui ler.

Mandou o architecto vir da Prussia os mastros ou traves que lhe pareceram bastantes; d'estas lançou doze, cada uma de 97 palmos de comprimento, e de notavel grossura (porque não as póde um homem abranger com os braços), lançou-as, digo, de cornija a cornija, atravessando a largura da egreja, de maneira que se vão assentar e pregar nos frechaes que estão encaixados sobre as cornijas; e logo ao sopé d'estas grossas linhas ou traves fez estribar e levantar, em modo de esquadria, outras doze de cada parte, mais pequenas, porém da mesma grossura, a que podêmos chamar guieiros, que escoram na mesma cornija e parede, e vão subindo, como em esquadria, até fechar em uma valente trave da fileira (que responde ao espigão do telhado que acaba o cume do tecto); estes vinte e quatro guieiros se asseguram pelo meio com doze oliveis. Descem logo outras doze traves de cada parte no fim dos oliveis, da mesma grossura das doze linhas e dos vinte e quatro guieiros, a que chamam penduraes, cada um de 24 palmos de comprimento, os quaes vão a prumo, e são como esteios e columnas para sustentar o madeiramento do forro; mas com esta differença, que as outras columnas ordinarias tem mão no peso sobre os capiteis; porém estas, com mui notavel novidade, sustentam ou levantam o peso pela parte que houvera de ser base d'estas columnas, e sem carregar nas traves que atravessam a egreja, as estão sustentando no ar, e puxando para cima; porque, como estas traves são tão compridas, necessitavam de algum arrimo que as sustentasse; e supposto que não tem columnas que subam do pavimento da egreja para o tecto, tem estas que por cima do tecto o estão sustentando e chamando para o alto, as quaes para este effeito descem com tal traça, que para não abaterem as ditas traves do forro com o proprio peso, ficam como pendentes no ar, sem lhe tocar por si mesmas; e comtudo, para as segurar e sustentar, lança-lhe cada uma das columnas duas cintas de ferro, fortes e grossas, que abraçam os terços das mesmas traves; e d'esta maneira fica a obra segurissima, porque estas columnas não carregam no forro, antes puxando para o alto, sustentam as traves, em que vae pegado o mesmo forro, para que não faça algum pendor.

Entre estas 24 columnas ou pendoraes, corre um grande lanço de corredor, que representa uma larga e comprida coxia, por onde seguramente se passeia o tecto todo de norte a sul; o qual tecto, por esta parte de dentro, representa outra grande egreja de tres naves, feita toda de madeira, e fundada sobre o templo de S. Roque que em baixo vemos.

Como esta obra foi nova, e sua architectura nunca usada n'este reino; e como por outra parte era esta machina tão grandiosa e tão segura, foi notavel o concurso dos curiosos que acudiam a ver a nova fabrica do tecto; e quem olha debaixo da egreja, como não se vê mais que o forro de esteira (nem descobre este grande madeiramento que vae por cima para o sustentar) pasma de ver tão grande largura de tecto, que está pendente no ar, como diziam do famoso mausoléo de Caria, que a antiguidade celebrou entre as sete maravilhas do mundo.

Acabado o madeiramento do tecto o forraram, pela parte convexa, de bordo, obra chã e rasa, sem artesões nem molduras, porque tratavam de o animar com pintura: para isto se traçaram tres valentes desenhos pelos melhores e mais primos officiaes de Lisboa; porém o que mais contentou aos peritos, é o que hoje alli vimos. A ordenança da obra é de grande architectura; avulta muito ao longe; tem conhecidos primores, notaveis arremeços, grandes valentias da arte; mostrando-nos (entre curiosos emblemas, entre formo-

sas tarjas e engraçados brutescos) varios passos da sagrada escriptura, representando á vista quatro arcos tão bem fingidos, que parece sustentam o mesmo tecto, e entre elles se vêem uns zimborios abertos, e umas cupulas tão bem representadas, que com um alegre engano festejam os olhos ver-se enleiados, quando cuidam que o vão d'estes zimborios passa muito ávante, e sóbe ao alto, escondendo-se entre as sombras reflexas, e entre os repercussos da pintura, achando aqui mais os olhos com a admiração do que cuidam que vêem na delineação do que realmente alcançam: porque posto que a arte com que este artifice pintou foi grande, comtudo o engenho com que fingiu foi maior: e isso vem a ser o que antigamente tanto louvou Plinio n'aquelle celebre pintor Timantes.

(Continua)



Estorninhos da America

Pertencem estas aves á tribu que representa a maior parte do grande genero linneano *sturnus*, que tem por typo o estorninho ordinario ou zorzal da Europa. O naturalista Swainson, creando esta tribu, sob o titulo de familia, juntou-lhe um grupo consideravel de aves da America, e a dividiu em cinco sob-familias, uma das quaes denominou *quisqualinés*, sendo a principal especie d'este genero o *quisqualo virsicolor* que a nossa estampa figura.

Estas aves de arribação, communs nas Antilhas e no continente septentrional, conservam-se nos Estados-Unidos desde o mez de fevereiro até novembro.

Os habitos d'esta especie são mais analogos aos dos estorninhos da Europa que aos das pêgas, como asseveram alguns auctores. Tem por costume andarem aos bandos seguindo os lavradores nos campos para apanhar os grãos e as larvas de insectos que a charrua traz á flor da terra; mettem-se entre os rebanhos, e pousam sobre o lombo dos bois para procurarem os insectos parasitas que alli se costumam introduzir.

Raramente penetram no interior dos bosques, preferindo as lezirias, para d'ahi percorrerem as vallas, e procurarem as habitações ruraes, onde muitas vezes se tornam tão familiares como as aves domesticas, participando do sustento destinado para estas. Na ilha de Cuba aproximam-se os quisqualos das fabricas de assucar para o comerem; assegurando naturaes (e é crença geral no paiz) que quando abicam algum pedaço de assucar, levam-no logo ao rio ou ribeiro visinho para o molhar, e comerem mais facilmente.

Porém o seu sustento ordinario é toda a especie de grão e de insectos. Os machos, principalmente na primavera, cantam: e posto que monotonos e tristes, os seus accentos não são desagradaveis.

Fazem os ninhos, muito perto uns dos outros, no arvoredo, e não é raro ver dez e quinze em cada arvore.

Tem estes passaros a plumagem negra com cambiantes de purpurino e verde escuro; por isso lhes chamam versicolores, isto é, de furta-côres.

O seu total comprimento anda por 25 centimetros.